

# INFORMAFRICATIVO 50

EMEF/EJA Oziel Alves Pereira - Africanidades é VIDA!  
50ª Edição - Janeiro 2021 - Circulação virtual

DIRETORA: Vladenir Ap. Penariol Silva VICE DIRETORAS: Fernanda M. Bestetti e Isaac Saglia O.P.: Ana Rosa Mobilon  
ENDEREÇO: Rua Fauze Selher, s/n, Parque Oziel - Campinas - São Paulo CEP 13049066 Fone: 3269-6232  
APOIO: CONEPPA - Coletivo Negro com Práticas Pedagógicas em Africanidades CEFORTEPE: Centro de Formação, Tecnologia e Pesquisa Educacional  
RECOMENDO: FAVELIVRO - um movimento literário nas favelas e periferias RESPONSÁVEL: Wilson Queiroz - wilsonq10639@gmail.com  
CAMPANHA PERMANENTE: Biblioteca e Racismo: Quando o acervo é a prova do crime!  
ACESSE: <https://www.fe.unicamp.br/biblioteca/recursos-on-line/boletins/informafricativo>



Imagem baixada da internet

# AFRO

**AFRO** - TUDO QUE REMETE A DESCENDÊNCIA DO NEGRO, UMA PALAVRA QUE CONGREGA UMA SÉRIA DE MOVIMENTOS, AFRO É BELEZA, AFRO É SOM, AFRO É CULTURA AFRO É TUDO.

(<https://www.dicionarioinformal.com.br/afro/>)

**AFROCENTRISMO** – UMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA E TEÓRICA DE UM SISTEMA PARTICULAR, CUJO NÚCLEO ESSENCIAL É A IDEIA DE QUE AS INTERPRETAÇÕES E EXPLANAÇÕES BASEADAS NO PAPEL DOS AFRICANOS COMO SUJEITOS SÃO CONDIZENTES COM A REALIDADE. ESSE CONCEITO GANHOU CORPO NA DÉCADA DE 1980, QUANDO ESTUDANTES AFRO-AMERICANOS, AFRO-BRASILEIROS, CARIBENHOS E AFRICANOS ADOTARAM A ORIENTAÇÃO AFROCÊNTRICA EM SEUS TRABALHOS. O AFROCENTRISMO GERALMENTE SE OPÕE ÀS TEORIAS QUE DESLOCAM OS AFRICANOS PARA A MARGEM DO PENSAMENTO E DA EXPERIÊNCIA HUMANA. (DICIONÁRIO DE RELAÇÕES ÉTNICAS E RACIAIS – AUTORA: ELLIS CASHMORE – EDITORA SELO NEGRO)

**AFRO AMÉRICA** – EXPRESSÃO USADA PARA DESIGNAR, NO CONTINENTE AMÉRICA, O CONJUNTO DESCONTINUO DE REGIÕES MAIS DIRETAMENTE ATINGIDAS PELO IMPACTO ECONÔMICO, **POLÍTICO** E CULTURAL DA ESCRAVIZAÇÃO AFRICANA, A SABER: GRANDE PARTE DO BRASIL, AS ANTILHAS, AS GUIANAS, O LITORAL DO PERU, PARTES DA VENEZUELA E COLÔMBIA E O SUL DOS ESTADOS UNIDOS (ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA DA DIÁSPORA AFRICANA – AUTOR: NEI LOPES, EDITORA: SELO NEGRO)

## OITO CIENTISTAS NEGRAS QUE FAZEM HISTÓRIA

Da primeira física negra a se formar doutora no país, a pesquisadoras da nova geração, elas são grandes cientistas que quebram estereótipos e preconceitos ao ocupar lugares antes não destinados a elas. “A exceção só serve para confirmar a regra. E que regras são essas, sociais e raciais, dentro da sociedade brasileira que, para alguns vencerem determinadas barreiras, é muito fácil? Aliás, alguns nem barreiras têm.” O questionamento é da escritora e professora Conceição Evaristo, e é facilmente aplicado a qualquer área onde mulheres negras atuem, principalmente em espaços majoritariamente representados de forma masculina e embranquecida. O próprio IBGE confirma: 68,6% dos cargos gerenciais são ocupados por pessoas brancas, mesmo que as pessoas negras ou pardas constituam a maior parte da força de trabalho no Brasil.

**“EXISTEM MUITOS MODOS DE MILITÂNCIA. E UMA DELAS É ESTAR EM LUGARES EM QUE NÃO SOMOS PREVISTOS”**

**MARIA AUGUSTA ARRUDA** - Bióloga e pesquisadora na School of Life Sciences da Universidade de Nottingham

“Querida muito fazer biotecnologia porque um dia vi no jornal uma matéria sobre engenharia genética. E fiquei ‘eu quero fazer isso!’. Um vizinho meu falou que o caminho mais rápido seria fazer biotecnologia na escola técnica. Fiz a prova, entrei. Então desde os 14, 15 anos eu estou dentro de um laboratório”, conta Maria Augusta Arruda. Ela é vencedora do prêmio para Mulheres na Ciência, na área de Ciências Biológicas, em 2008, e desenvolvedora de pesquisas na School of Life Sciences da Universidade de Nottingham. Maria Arruda luta para que o ambiente científico possua cada vez mais representatividade, mas, antes de chegar em sua atual posição, passou por algumas complicações. “Sempre senti o racismo na academia, e continuo sentindo até hoje, mesmo que esteja mais distante e observando. Quando você é uma das primeiras, não tem conhecimento anterior das restrições que existem.”

**NINA DA HORA** - Cientista da computação e hackerativista,

“Nós, pessoas negras, fizemos e ainda fazemos parte da construção do pensamento acadêmico. Mas esse ambiente sempre é colocado como se não fosse para nós. Logo na escola, comecei a me incomodar com a falta de representatividade, fiz um diário reunindo os cientistas negros e guardava comigo para entender qual era o nosso lugar. Acabou que eu juntei mais de 400 cientistas e, hoje transformei esse conteúdo em podcast, onde vou contando a história aos poucos.” Nina da Hora, cientista da computação, pesquisadora na área de pensamento computacional, hacker antirracista, professora e podcaster no Ogunhê Podcast.

Moradora da baixada fluminense, a jovem de 25 anos utiliza as suas habilidades para ampliar o universo de inclusão digital. Nascida em uma família formada por mulheres professoras, Nina teve o apoio e estímulo necessários para seguir seu caminho. “Lembro que na infância e adolescência não faltaram livros em casa. Minha mãe me dava liberdade para fazer os experimentos para que eu pudesse ir entendendo na prática os conceitos que aprendia na escola.”

Tinha a liberdade de abrir o aparelho de DVD em casa, por exemplo, para saber o que tinha dentro. A partir daí, fui entendendo cada vez mais desse lugar. ” Sobre a presença de pessoas negras na universidade, ela reforça que ainda há muito o que conquistar: “Hoje eu vejo algumas melhorias, principalmente em termos de ter mais professores negros, mais artigos e trabalhos sobre o nosso povo e toda a contribuição. Mas ainda sinto muita falta de acadêmicos negros nos espaços de decisão desses ambientes”.

## **SÔNIA GUIMARÃES** - Professora do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) e primeira brasileira negra a se tornar doutora em física

“Quando eu estava na minha graduação da Federal de São Carlos, descobri que existia uma bolsa cientista remunerada. Na hora, fui correndo atrás da moça da bolsa e falei: ‘eu quero uma bolsa dessas!’ e a resposta dela foi ‘não! Você nunca vai usar física para nada, por que vou desperdiçar uma bolsa de iniciação científica com você?’ O relato é de Sônia Guimarães, 63 anos, a primeira mulher negra brasileira a ter doutorado em física e primeira a lecionar no ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica) que, até hoje, luta pela equidade racial no espaço acadêmico. Antes de fazer história, precisou pausar sua presença na academia por ter sofrido perseguições de outros professores que não aceitavam uma mulher negra lecionando. “Na academia as coisas são complicadas. Mas eu tenho dado muitas palestras pelo Brasil e encontrado acadêmicos negros incríveis. Infelizmente, vejo algumas histórias de preconceito que aconteceram e acontecem comigo, se repetindo com eles. E olha que as minhas histórias são de 20 anos atrás!” Há 32 anos, ela finalizou seu doutorado em materiais eletrônicos pelo Instituto de Ciência e Tecnologia da Universidade de Manchester, na Inglaterra, e retornou ao Brasil. “Está em nossas mãos. Cabe a gente mudar essa realidade de desigualdade porque do jeito que as coisas estão caminhando, não dá para ficar.” E deixa um conselho para futuros cientistas: “Não desistam! Corra atrás e pesquise o máximo sobre bolsas e alternativas”.

## **KATEMARI ROSA** - Física e professora adjunta da Universidade Federal da Bahia

“Ser inspiração é muito engraçado e muito emocionante, mas hoje eu começo a ver mais como uma realidade. Não é uma coisa que eu tenha imaginado na vida, não é um desejo do meu trabalho, mas acabou acontecendo. Me dá uma sensação de responsabilidade. ”

De Porto Alegre, Katemari Rosa sonhava em ser astrônoma. A paixão que surgiu aos 8 anos cresceu e alcançou trajetórias admiráveis, como o seu doutorado na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos.

O encantamento pela física ainda gerou novos conhecimentos, como a filosofia da ciência. “Vi um programa sobre esse tema na Bahia, fui lá, fiz a seleção para o mestrado, passei e cursei em uma cidade completamente diferente. Sair de uma cidade totalmente branca e indo para uma totalmente negra eu comecei a perceber as diferenças raciais dentro da física. E a pesquisar sobre isso, quem eram as físicas negras.” Foi aí que ela construiu um programa de pesquisa com essa temática e foi aceita na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, para cursar seu doutorado.

## **ROSY ISAIAS** - Bióloga e professora titular do Departamento de Botânica da UFMG

Rosy Isaias estudou sua vida inteira em escola pública. Da periferia do Rio de Janeiro, a cientista de 55 anos se apaixonou pela biologia. Na faculdade, a botânica fascinou a cientista, que decidiu explorar o universo dos seres vivos vegetais. Mas esse universo não foi a única coisa com o qual Rosy teve de se preocupar. À medida que foi subindo a hierarquia acadêmica, o machismo e o racismo começaram a ficar mais palpáveis.

“Na periferia do Rio de Janeiro não conseguia perceber o preconceito, mas quando saio da minha zona de conforto e entro na universidade fica óbvio para mim que sou sempre a única pessoa negra naquele espaço”, afirma a professora.

O sobrenome Isaias, utilizado como nome científico e de divulgação da professora, também foi fonte de problemas. “Meu nome denota uma figura masculina e eu já fui abordada muitas vezes por cientistas que liam os meus artigos e acreditavam que eu era homem. Meu currículo tem sempre que falar mais alto pois minha figura ainda causa espanto no mundo acadêmico. Uma mulher negra não pode ser boa, ela tem que ser a melhor. ”

O panorama, entretanto, parece estar mudando. A UFMG se tornou um exemplo na adoção de cotas e ações afirmativas em faculdades federais e hoje parece colher os resultados. “Atualmente, entro em classe e encontro pessoas que se parecem comigo. Sei que minha presença é importante e costumo falar que se eu estou ali, eles também podem estar. ”

## **TAYNARA ALVES** - Química, empreendedora e fundadora do startup “InQuímica”

Taynara Alves, 30 anos, sempre gostou de estudar. A família, que sonhava com o primeiro ingresso à faculdade, queria que ela cursasse direito e se tornasse advogada, mas a paixão da menina estava em outro lugar. A primeira aula de química no ensino médio, segundo a própria Taynara, é definida como “amor à primeira vista”. O interesse pela área lhe fez cursar o ensino técnico em química e, em pouco tempo, Taynara estava fazendo iniciação científica na USP. Ali, cercada de mestrandos e doutorandos, a cientista percebeu uma coisa que passou a lhe incomodar profundamente: as descobertas e inovações científicas não saíam do universo acadêmico.

“Isso não é um problema só da USP, mas sim do Brasil como um todo. Falta incentivo, tanto financeiro quanto acadêmico. Quando percebi isso, me desanimei para seguir a carreira acadêmica.”

A solução encontrada por Taynara foi a de optar por um caminho novo, o do empreendedorismo. A cientista fez uma segunda graduação no curso de gestão de negócios e inovação e fundou sua própria startup, a InQuímica. [...]

## **JAQUELINE GÓES DE JESUS** - Biomédica e uma das cientistas responsáveis pela sequenciação do primeiro genoma do vírus SARS-CoV-2

Apenas 48 horas foram necessárias para que um estudo, liderado por Jaqueline Góes de Jesus e Ester Sabino, fosse capaz de sequenciar o genoma do coronavírus no Brasil. A rapidez dos resultados, realizado pelo Instituto de Medicina Tropical da USP em parceria com o Instituto Adolfo Lutz e a Universidade de Oxford, chamou a atenção do Brasil e do mundo.

Mas a biomédica Jaqueline, de 30 anos, afirma que a velocidade da pesquisa não é tão surpreendente. À Vogue Brasil, Jaqueline afirmou: “Conseguimos esse resultado porque já estávamos trabalhando com uma plataforma específica para sequenciar este vírus.”

Formada em biomedicina na Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, a biomédica teve a oportunidade, em 2016, de acompanhar o trabalho de pesquisadores ingleses que sequenciaram o genoma do zika vírus no Brasil.

Esse conhecimento, aprofundado em uma estadia de seis meses na Universidade de Birmingham em 2018, foi essencial para o sequenciamento do coronavírus no Brasil. Hoje internacionalmente famosa, Jaqueline ainda está aprendendo a lidar com a fama, mas já planeja voltar à Inglaterra para retomar seus estudos.”

“Resolvi aceitar o que a vida tem me trazido e virar dona da minha trajetória de mulher, negra e nordestina”, afirma à Vogue Brasil.

## **ENEDINA ALVES MARQUES** - A primeira engenheira negra do Brasil -

Nascida em 1913 em Curitiba, Enedina Alves Marques era a única menina entre nove irmãos. A mãe, Dona Virgília, era empregada doméstica e trabalhava na casa do delegado e major Domingos Nascimento Sobrinho. Enedina foi matriculada na mesma escola que as filhas do major estudavam e lá aprendeu a ler e escrever.

Posteriormente, a engenheira se formou na Escola Normal, um centro de formação de professores para o ensino primário brasileiro. A carreira de professora a levou a diversas cidades no interior do Paraná, mas foi em Curitiba, no bairro de Juvevê, que Enedina se estabeleceu em 1935.

Aos 27 anos, a jovem decidiu que mudaria de vida e alçaria voos até então impensáveis para pessoas como ela. Em 1940, matriculou-se na Faculdade de Engenharia do Paraná — hoje parte da Universidade Federal do Paraná — e passou a ser a única mulher negra em um ambiente dominado por homens brancos.

Para se ter uma ideia do tamanho do feito, a escravidão no Brasil havia sido abolida há cerca de 50 anos e o direito ao voto feminino não tinha mais de 10 anos de idade. Para pagar a faculdade, a engenheira trabalhou como empregada doméstica e cinco anos após entrar no curso fez história como a primeira mulher negra a se tornar engenheira no Paraná.

Enedina dedicou-se à engenharia pelo restante da sua carreira, participando de importantes obras como a projeção da usina hidrelétrica Parigot de Souza, no Paraná. Ela faleceu em casa, aos 68 anos, vítima de um ataque cardíaco. Adaptado a partir do artigo disponível no link. FONTE <https://gamarevista.com.br/semana/qual-o-papel-da-ciencia/8-cientistas-negras-brasileiras/>